

ABERTURA

Homenagem a Maria Barroso

Junto ao púlpito, as rosas amarelas, de sua eleição e em número idêntico aos anos que hoje teria, têm a pretensão de a ter conosco, para além das palavras com que procuramos, de modo desafiante, a sua presença atenta, o sorriso com que a todos acolhia.

POR **Maria da Glória Garcia** Reitora Universidade Católica Portuguesa

É inevitável que, na abertura deste Estoril Political Forum - 2016 dedicado à «Democracia e seus inimigos: novos desafios, novas possibilidades», cujas ressonâncias a Karl Popper são notórias, se evoque o passado, desde logo porque este International Meeting in Political Studies, promovido pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa, vai na sua XXIV edição!

Lembrar que estas reuniões internacionais de debate político começaram nos anos noventa do século passado, sediadas no Convento da Arrábida, perto de Setúbal, viveram depois no Palácio Castro Guimarães, em Cascais e, de há dez anos a esta parte, passaram a residir no *Palace Hotel do Estoril*, é falar numa ideia ambiciosa, que hoje tem sucesso enraizado e se transformou em renovadas razões de futuro.

Para tal contribuíram decisivamente os muitos parceiros, nacionais e estrangeiros, da Universidade Católica Portuguesa, e permitam-me que destaque o Município de Cascais, representado, nesta sessão de abertura, pelo seu Presidente da Câmara, Sr. Dr. Carlos Carreiras, bem como os ilustres membros do Conselho Estratégico do IEP, representados hoje pelo Sr. Dr. Pedro Norton. A todos agradeço, pessoal e institucionalmente, a confiança e o incentivo que essa confiança em nós significa.

Uma palavra de agradecimento especial ao IEP, na pessoa do seu Presidente, Sr. Professor João Carlos Espada. Sem o seu dedicado e eficiente trabalho e sem a rede de pessoas e instituições que suportam a iniciativa, intensificadas ao longo de anos de contactos, decerto não seria possível manter elevado o brilho do *Estoril Political Forum*. Do mesmo modo agradeço à Sra. Professora Rita Seabra Brito, o dinamismo, a inteligência e o carinho com

que renovadoramente lidera o programa.

E de modo também particularmente reconhecido me dirijo ao Sr. Professor Manuel Braga da Cruz, orador principal desta sessão de abertura. A sua presença engrandece o momento e, para mim, é motivo de grande satisfação.

And a warm welcome to the auditorium, coming from different countries, with different ages and different motivations, giving this room the expression of a wonderful picture but also creating the expectation of a fantastic meeting! Thank you all for being with us!

* * *

A partir de determinada altura, tornou-se presença constante nestas reuniões, simultaneamente inspiradora e estimulante de diálogo vivo, oportuno, profundamente democrático, a Senhora Dra. Maria de Jesus Barroso Soares, a Dra. Maria Barroso,



Pedro Norton, Carlos Carreiras, Maria da Glória Garcia, Manuel Braga da Cruz e João Carlos Espada

tendo inclusivamente sido distinguida, em 2012, com a 1ª edição do Prémio Fé e Liberdade, partilhado com o Senhor D. Jaime Gonçalves, Bispo da Beira e Magno Chanceler da Universidade Católica de Moçambique, recentemente falecido, e com o Monsenhor João Evangelista.

No ano passado, participou nos três dias ao longo dos quais decorreram os trabalhos – segunda, terça e quarta-feiras – tendo-se deixado fotografar com o grupo do *Estoril Political Forum - 2015*, figurando, deste modo, na foto que pôs termo aos trabalhos e constitui a sua última aparição pública. Cairia em casa, na noite do dia seguinte, sofrendo um grave traumatismo do qual não viria a recuperar, falecendo dias depois.

Ter a Dra. Maria Barroso presente hoje, na abertura do *XXIV Estoril Political Forum*, em homenagem singela mas nem por isso menos sentida, no recolhimento de um espaço universitário que elegeu para de perto acompanhar e que, por isso, sempre se honrou e continuará a honrar pelo privilégio da sua escolha, é um dever que cumpro com devoção, e não só por razões institucionais.

Começo por realçar três dimensões que entendo essenciais no modo de viver a vida da Dra. Maria Barroso, e entendo se enlaçarem, de forma feliz, na vida universitária, espelhada neste *International Meeting in Political Studies*, no qual tinha

prazer em participar. Essas dimensões são: de um lado, a sua relação com as coisas ou a vontade de as conhecer, de outro, a sua relação com os outros, na qual assumia uma especial posição de poder, e, de outro ainda, a sua relação consigo própria, de onde fluía a ética que orientava o seu comportamento.

Na relação com as coisas, da Dra. Maria Barroso emergia a vontade de conhecer, de saber mais. Era uma vontade genuína. Queria alargar os conhecimentos que já tinha e que, apesar de amplos e diversificados, não a deixavam confortável. Os noventa anos que levava de vida não lhe beliscavam o desejo de saber mais, um desejo que o tempo não diminuía de intensidade e a levava à Universidade, para dar largas à curiosidade, em busca do que ignorava.

Mas mais. Se posso bem entender e expressar, essa vontade de conhecer, de se manter actualizada, não era uma vontade egoísta, fechada em si própria. A alma de pedagoga animava-a e a vontade de transmitir aos outros, particularmente aos jovens estudantes, que a chama da curiosidade deve manter-se acesa ao longo da vida, era uma constante, pelo que partilhava os seus conhecimentos, fundidos ao longo de uma vida cheia de experiências.

E ainda mais. Esse desejo de conhecer, de estar actualizada, ia imbuído de um

espírito particular, feito de férrea disciplina de vida, única forma de se desdobrar, de se multiplicar por causas que elegeu e procurava conhecer em todos os meandros, causas por onde teimava que a liberdade transbordasse, a liberdade que ela própria, no quotidiano, irradiava – causas ligadas à cultura, educação e família, infância, mulheres, deficientes, defesa da saúde, toxicod dependência, não-violência... Personificação do poema da amiga Sophia de Mello Breyner:

«O poema é a liberdade/Um poema não se programa/Porém, a disciplina, sílaba a sílaba/O acompanha».

Mas para além deste especial relacionamento com tudo quanto a rodeava e lhe motivava o desejo de conhecer, aquele desejo que uma Universidade, e seguramente a Universidade Católica, e o seu Instituto de Estudos Políticos, procuram incutir a quem se lhes dirige, o poder é outra das dimensões que pretendo aqui evidenciar em relação à Dra. Maria Barroso.

O poder, político ou outro, coloca cada pessoa em relação com os outros. Quem o detém relaciona-se de modo particular com os outros. E os teóricos confluem dizendo que não tem poder quem o quer ter, mas quem os outros reconhecem que tem. Isso mesmo decorre da obra científica de Karl Popper, intencionalmente evocado

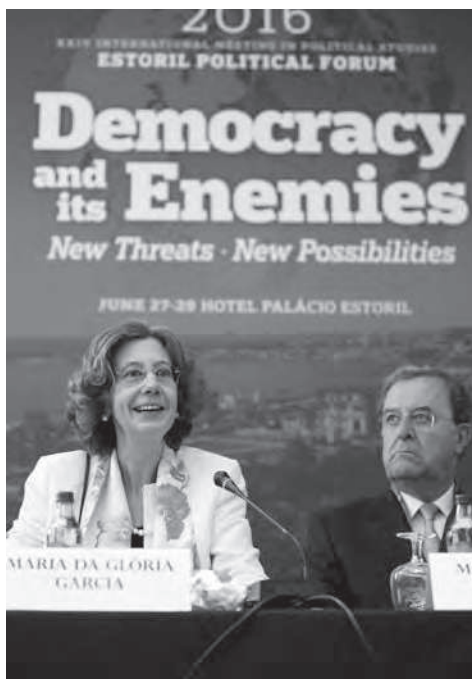
na sessão ora em abertura solene, para quem a luta pelo uso livre da palavra, na nossa sociedade, na sociedade aberta, deveria ser uma marca da civilizacional.

A Dra. Maria Barroso tinha poder, sustentado no intransigente uso da palavra em defesa da paz, da justiça e da liberdade e no envolvente sorriso de proximidade. «*Uma paz sem vencedores nem vencidos*»; uma justiça que se projecta «pátria do ser»; uma liberdade onde o grito da esperança palpita; uma luta sem tréguas à indiferença, prometendo com a força poética da amiga Sophia, «*um mundo mais inteiro e mais real*».

Seguiu o conselho de Sophia «*Aprende/A não esperar por ti/Pois não te encontrarás*», e partiu ao encontro dos outros para neles e com eles aprender a sua forma de estar e se dar, permitindo que esses dela viessem a colher permanentes lições de liderança.

Não seguiu, porém, o conselho da amiga Sophia quando esta dizia, «*Aqui me sentei quieta/Com as mãos sobre os joelhos/Quieta, muda, secreta/Passiva como os espelhos*», porque não era de ficar quieta. Não era de ficar muda. Não era de ficar passiva. Sabia, como o Padre António Vieira, que «*nós somos o que fazemos. O que não se faz, não existe. Portanto, só existimos nos dias em que fazemos. Nos dias em que não fazemos, apenas duramos*». A Dra. Maria Barroso fez, deixou obra, tanta que me interrogo, perante as múltiplas intervenções constantes do seu curriculum, como lhe foi possível fazer tanto... Obra feita de obras que lhe modelaram a autoridade em que o poder se sustenta e alimenta.

E chego à terceira dimensão que pretendia realçar na forma de estar na vida da Dra. Maria Barroso: a ética, entendida como uma particular forma de cada um se relacionar consigo mesmo, e revelada em todos os gestos de um quotidiano cuja densidade depende de quem o vive. E como era intenso o dia-a-dia da Dra. Maria Barroso! Do lar que construiu e prova a bondade do provérbio mexicano que um dia ouvi e retive: «*A casa não se apoia na terra mas numa mulher!*» ao Colégio Moderno, sempre reinventado nos diversos tempos percorridos; das inúmeras instituições de solidariedade social que apoiou, promoveu, lançou ao papel de primeira-dama, senhora do lugar que era o seu e que com mestria soube desempenhar; do exercício de cargos de responsabilidade cívica à presença



Topo esq. Maria da Glória Garcia, Manuel Braga da Cruz · Topo dir. Maria Barroso · Em baixo Rita Seabra Brito, Pedro Norton, Carlos Carreiras, Maria da Glória Garcia, Manuel Braga da Cruz e João Carlos Espada

amiga, atenta, disponível junto de quem precisa... A tudo se entregou de coração aberto e alma cheia, dadivosa, de modo eticamente fundado, uma ética culturalmente moldada num percurso que a fez encontrar-se com a fé cristã, católica, e a reconciliou com o nome a que, desde sempre, estava ligada: Maria de Jesus.

Por tudo, não admira que tenha sido distinguida pela Universidade Católica Portuguesa com o *Prémio Fé e Liberdade*, em sessão em que foi apresentada pelo então Reitor, Professor Manuel Braga da Cruz.

Mulher do Dr. Mário Soares, Maria de Jesus Barroso era uma mulher rara, de raras qualidades. Os mais chegados, filhos e netos, sabem-no bem. Os círculos concêntricos de amigos e conhecidos que a partir dela se formaram e ondearam,

também o bem sabem, cada um à sua maneira. Porque para cada um sabia ser diferente; para cada um sabia ser única. O dom de que falo é raro mas Maria de Jesus Barroso possuía-o e teve o privilégio de o poder testemunhar. Partilhámos saberes, experiências, histórias, de família, de romances, viagens, tantas outras... E poesia, muita poesia. Em especial, de Sophia de Mello Breyner.

E trazendo à memória a sua imensa força e a sua total fragilidade no jantar de inauguração do *Estoril Political Forum 2015*, em que a Mafalda me confidenciou a sua apreensão e me confiou a avó como o seu tesouro mais valioso, é com palavras retiradas do poema de Sophia «Caminho» que termino: «*eu sabia que alguém antes do próximo oásis morreria*». ■